

Caros leitores,

quando nos reunimos pela primeira vez no semestre passado para dar continuidade ao projeto da revista *Desassossego* – que a cada ano recruta novos alunos como nós, pós-graduandos da literatura portuguesa da USP, interessados em participar e manter vivo o debate literário –, concordamos que era preciso desassossegar ainda mais leitores e pesquisadores. Propomos, então, para o dossiê da edição seguinte, que se reunissem textos sob o título “Mal-estar, melancolia e saudade”.

Contudo, o caráter tríplice e excessivamente abrangente do tema revela também certa dificuldade nossa em nomear com precisão aquela vontade de desassossegar nosso público. Na verdade, nossa proposta era dedicar a edição para a discussão, análise, elaboração, dissecação ou qualquer tipo de abordagem que percebesse aquele algo inominável, nos dias de hoje ainda mais “espectralizado”, como disse o crítico João Barrento<sup>1</sup>, o simples sentimento da dor.

A dor – embora presença cotidiana nas imagens chocantes e pouco respeitadas da mídia – é sorrateada por nós a cada instante, experimentada como “espetáculo” ou “simulacro” e nunca vivenciada até a catarse. Porém, a dor mantém-se como parte fulcral de nós, “está-nos na pele e nas vidas desde sempre”, em estado que não se pode ser cultivado ou reconhecido. O que permanece, portanto, é a angústia e a inquietação vaga e imprecisa de não se saber ao certo o que se perde, o que é que nos falta em uma vida cada vez mais confortável e preenchida, em que se decreta “férias permanentes”, nas palavras do crítico português, e se dita um modo de “estar” no mundo muito antes de um “ser” no mundo (BARRENTO, 2006, p.14). Assim, natural que vagueássemos por longo tempo durante a reunião, lançássemos termos amplos como “melancolia” e “saudade”, em um esforço para romper com o silêncio – pois toda a experiência de ausência tende ao silêncio.

Se a arte e o pensar ainda são modos de viver a dor, nossa vontade era, portanto, a de consagrar a revista àqueles que têm coragem de “reconhecer o corpo vivo, e a sangrar, das palavras”, como disse Barrento, e apresentar, por meio do trabalho crítico, este anseio que não sabíamos bem expressar. Dessa maneira, os artigos que recolhemos para o dossiê procuram aprofundar aquilo que o tema proposto apenas sugeria. Os cinco textos reinstauram o lugar da intimidade, da experiência, dos afetos, do medo e do narcisismo como modos de resistir à “pobreza da experiência” na modernidade, conforme a noção benjaminiana, ou à “espectralização da dor” na pós-modernidade. Todos apontam para a afirmação do sujeito que sente as dores do mundo, na contramão da banalização da experiência e da memória, da anestesia da dor.

No conjunto reunido, destacamos o artigo “‘Todos os medos o medo’: Al Berto e as inquietações da pós-modernidade”. Segundo Leonardo Sasaki, o eixo estruturante da obra em análise é o medo como afirmação da experiência e da subjetividade narcísica capazes de articular as inquietações do mundo pós-moderno. Sasaki aponta para a formação de um “sujeito hipersensível aos tremores de seu tempo”, “partilhados” nessa poesia “como um segredo”.

Jaqueline Fernandes da Silva, em “A escrita intimista e a poesia de Mário de Sá-Carneiro”, explora a visão trágica da vida que a escrita de Mário de Sá-Carneiro revela através do processo incessante e doloroso que no indivíduo envolve tanto a “consciência de sua busca por respostas” quanto a “consciência de ausência de respostas”.

---

<sup>1</sup> João Barrento em *O Arco da palavra*, São Paulo: Escrituras, 2006.

No artigo “Apontamentos sobre a poesia de Manuel de Freitas”, Danilo Bueno também analisa a reinserção da experiência no poético na obra de Manuel de Freitas, organizador da antologia *Poetas sem qualidades* (2002), na qual sobressai o “processo de despoetização progressiva” a que se dedicou o poeta, a fim de chamar atenção para outras possibilidades do imaginário poético, como defende Bueno. Assim, o autor revela um Manuel de Freitas que intenta “tornar o real outra vez real” por meio de uma reconstrução identitária que possa dar testemunho ao “desconcerto do mundo”.

O texto de Lúcia Evangelista, “‘O medo vai ter tudo, quase tudo’: a poesia indisciplinada de Alexandre O’Neill”, discorre sobre a difícil relação entre arte e vida, arte e política. Segundo a autora, Alexandre O’Neill promoveu um deslocamento dos cânones literários ao construir um “discurso cambaleante”. Por meio do “disforme”, o poeta critica a ordem estabelecida e resiste ao “medo, ao poder e à normatização que ameaçam tomar conta de tudo”.

Por fim, nada mais propício que encerrar o dossiê com o artigo “G. H. e Bernardo Soares: estilhaços do eu”, de Marcele Aires Franceschini, que, em um viés comparativo, analisa a “proposta ontológica” do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, e de *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector.

Talvez seja oportuno reproduzir aqui a citação de Pessoa que Franceschini nos fornece e que ajuda na compreensão das primeiras inquietações do semestre passado, quando começávamos a preparação da presente edição da *Desassossego*: “Sinto-me febril de longe... Num torpor lícido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar, misturam-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho” (PESSOA, 1995, p. 135).

Entre os artigos que não pertencem ao dossiê, três prestam homenagem a José Saramago, morto este ano: o texto “Autoria, alteridade e autoridade no *Evangelho* de Saramago”, de Mônica Peres, apresenta um exame de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; o artigo “A questão do limiar em *Ensaio sobre a cegueira*, uma reflexão à luz das pesquisas Bakhtinianas”, de Nefatalin Gonçalves Neto identifica a adoção do “limiar” nesse romance, “seja em diálogos, espaços ou até mesmo ações”; e, por último, “Narrativa, tradição e experiência: análise de aspectos da literatura tradicional/oral/popular em *A viagem do elefante* de José Saramago”, de Max Alexandre de Paula Gonçalves, investiga “a representação de elementos da literatura tradicional e oral na cultura escrita a partir das teorias de Walter Benjamin sobre o narrador e a narrativa”.

Apresentamos também dois artigos sobre Eça de Queirós: “Eça de Queirós entre gêneros”, de Ana Lúcia Branco e Elizabeth Ferraz Sanches, que especula sobre “as características do gênero conto, em uma primeira instância, para, em seguida, abordar as questões teorizadas em duas obras de Eça de Queirós: “No Moinho” e *O Primo Basílio*”; e, o texto intitulado “Eça de Queirós por António José Saraiva: Ideias e Ideais”, de Antonio Augusto Nery, que manifesta Eça de Queirós com um lado crítico atroz e “revolucionário” e outro que seria condescendente e apaziguado com o próprio país, a partir da leitura de António José Saraiva. Temos ainda um artigo sobre Fernando Pessoa: “A vibração e o silêncio em ‘Canção’ de Fernando Pessoa”, de Carlos Rogério Duarte Barreiros, que aponta “as características do Estilo Lírico proposto na obra *Conceitos fundamentais da poética*, de Emil Staiger. Temos também o trabalho comparativo de “Tágides minhas e deles: ecos de Marcial na poesia de Camões”, de Fábio Paifer Cairolli que nos assinala “como autores do chamado ‘Classicismo

renascentista' emulavam certos poetas antigos a que a historiografia literária posterior, por julgá-los menores, acabou por negar a eventual condição de modelo”.

E, por fim, o texto de Adriano Lima Drummond, “Os Dos Portugais Camilianos: a nação portuguesa em *A queda de um anjo*”, desenvolve uma reflexão sobre o conceito de nação, em seus aspectos históricos e ontológicos, a partir da representação da nação portuguesa no romance de Camilo Castelo Branco, em que se articulam passado e presente na idéia de “povo-nação”.

Publicamos também, nesta edição, a entrevista com o poeta Luís Quintais realizada por Danilo Bueno. A conversa girou em torno da leitura de alguns de seus poemas e da reflexão sobre sua arte poética, marcadamente influenciada por Wallace Stevens e pelo modernismo anglo-saxão. Quintais cita algumas daquelas palavras que logo nos lançam às profunduras da poesia, nos “antípodas do conhecimento”, como define o poeta, lugar próximo da “crença” ou da “suspensão da descrença”, em que se produzem afetos e que “recenseia acasos”. Quintais reivindica o estatuto autônomo do poético, “corpo dinâmico e estranho”, mas que “pondera de igual modo realidade e imaginação”. É possível que Quintais generosamente venha desconstruir certas idéias que nós alunos descuidadamente adquirimos no exercício da crítica por meio de palavras que revelam, sem dúvida, um pensar sempre fresco do fazer poético – processo este que permite o descontínuo e que por isso mesmo opera, como define ele próprio, por meio da “revisitação” e da “reflexividade” de seu próprio discurso.

A quarta edição da revista recebeu poemas e contos para as seções *Poesias* e *Ficção*. E com grande satisfação selecionamos os poemas *Meu Eu lírico foi introduzido* e *Se descrevo a estadia*, de Alexandre Oliveira, *5 Poemas Portugueses*, de Luis Estrela de Matos e o texto ficcional *Réquiem para Portugal*, de Antonio Marcos Gonçalves Pimentel.

No que tange ao material poético, temos que Alexandre Oliveira nos faz refletir sobre questões de ordem filosófica e artística complexas, a saber: a relação entre eu e mundo, a subjetividade e suas implicações no âmbito da arte, a relação entre as palavras e as coisas (aproveitando-nos de Michel Foucault), e a vida rural como ponto de partida para pensarmos sobre a metapoesia. Se Alexandre Oliveira elege um modo mais narrativo e direto para compor os seus textos poéticos – eis o caso do *aparentemente* simples -, Luis Estrela de Matos, por sua vez, escolhe a via mais metafórica para aludir a Portugal. Numa sequência de cinco poemas, o escritor nos traz à tona cidades portuguesas, fatos e reflexões cujo protagonista é Portugal. Destaque para o refinado nível de elaboração das imagens e para a precisão cirúrgica, se podemos assim dizer, na escolha do léxico que compõe a série de poemas.

Por fim, Antonio Pimentel compôs *Réquiem para Portugal*. Trata-se de texto ficcional que preza pelo detalhe e pela erudição. Trabalha de forma interessantíssima o imaginário português bem como as questões históricas mescladas às literárias, sendo o cenário do texto uma sugestiva biblioteca. Curiosamente, nos textos de Luis Estrela de Matos e de Antonio Pimentel, encontramos a referência à imagem dos pinhais de Leiria e a menção a Fernando Pessoa. E, no primeiro longo poema de Alexandre Oliveira, deparamo-nos com a discussão acerca de um suposto ou fictício “eu”, que, num sentido mais amplo, pode muito bem ser o problema de identidade de uma nação, no caso, a portuguesa. A questão suscitada neste poema não teria também relação com Fernando

Pessoa, “o poeta da morte do eu e o cantor de eus”, conforme frase de Eduardo Lourenço? Seriam felizes coincidências no intuito de conferirem uma coesão espontânea aos textos selecionados? Deixemos a conclusão, se houver, aos leitores...